

Solitário, o buriti da Praça está à morte

CARMEM CRUZ

O buriti da Praça está morrendo. Longe de sua vereda natural, tanto quanto dos versos que o jornalista mineiro Affonso Arinos fez um dia a outro buriti, "perdido", a velha palmeira **Mauritia** vinífera, depois de dar seu nome à praça mais importante de Brasília, ao Palácio do Governo e à comenda de honra ao mérito para servidores, entrou em processo de definhamento há cinco anos. E nesta primavera, como, que prenunciando o fim, desafiou a ventania com uma copa espetacular.

Mais solene que o primeiro — plantado no mesmo lugar em 1961 pelo próprio Israel Pinheiro e pelo "velho" Waldemar Miranda, então diretor do Departamento de Parques e Jardins —, o buriti de quase 200 anos foi transplantado para a Praça Municipal em 1969, cumprindo por mais de duas décadas os sonhos

de fundadores e pioneiros da Capital. Foi outro pioneiro, Stênio de Araújo Bastos, hoje diretor administrativo da Novacap, que, mesmo contra alguns descrentes, aceitou o desafio do prefeito Wadjô da Costa Gomide e trouxe de uma fazenda à margem da BR 060 (Brasília/Anápolis) — numa experiência inédita — a palmeira adulta para o replante.

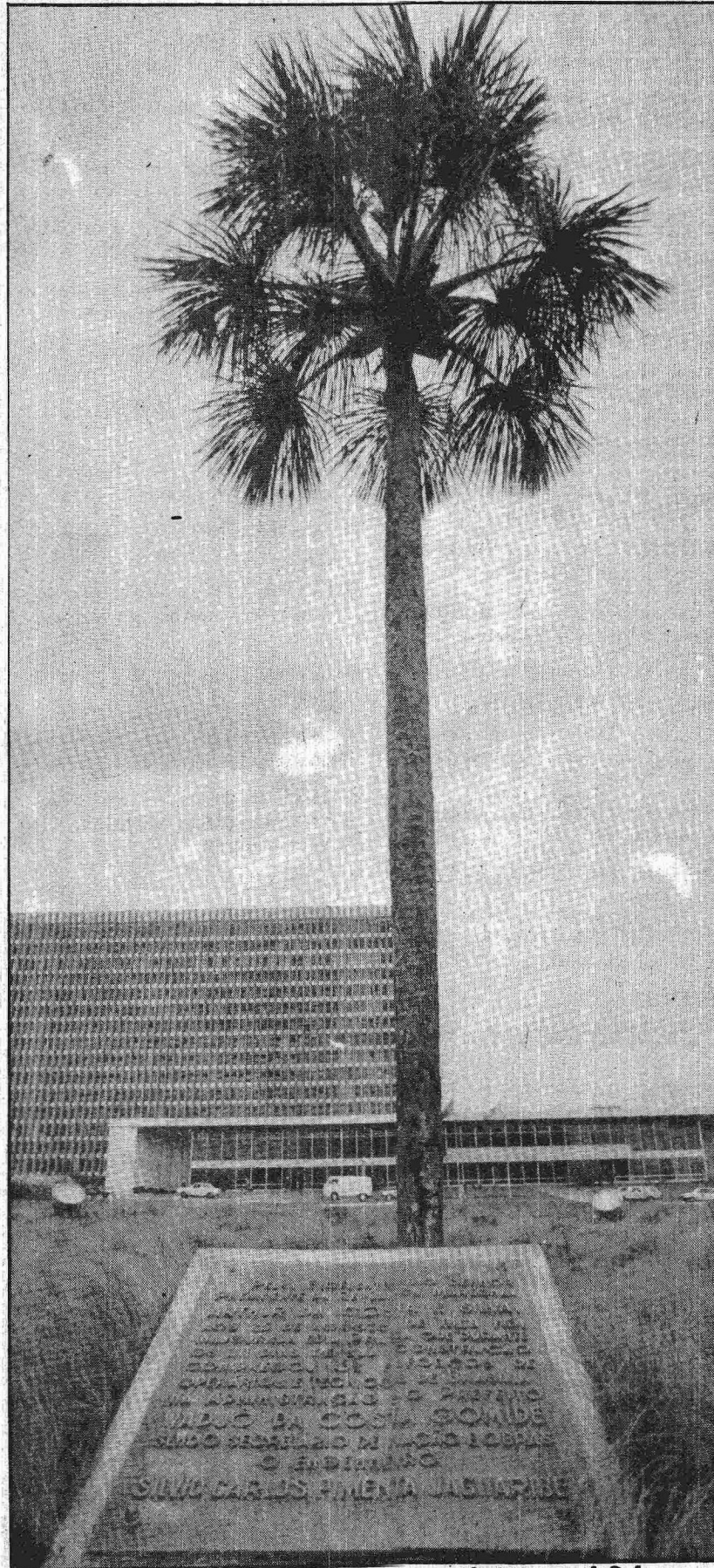
CLAREIRA

"Antes era tudo cerrado, muito denso", conta Stênio Bastos, que, apesar de não ter vindo das Minas Gerais, conheceu no Nordeste muitas zonas de buritizais. Por isso, alimentava também o desejo de ver cravado no meio daquele "centro cívico" um grande buriti. Uma clareira foi aberta na área indicada e o "velho" Waldemar Miranda tratou de buscar um exemplar de buriti nas proximidades do lago Paranoá. As palavras do jornalista e escritor mi-

neiro Affonso Arinos (Paracatu, MG, 1868 — Barcelona, Espanha, 1918), precursor do regionalismo moderno, serviram para inspirar e documentar o sonho, numa cidade que nascia.

Em janeiro de 1961, o primeiro buriti foi plantado no meio do cerrado e, ao seu lado, lançados os versos de "Buriti Perdido" do livro "Pelos Sertões" (1894). Affonso Arinos dizia: "Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que serve de soco, velho buriti perdido. Então, talvez, uma alma amane das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que refere na mente de cada um dos filhos desta terra".

RONALDO DE OLIVEIRA



Distante de sua vereda, o buriti de mais de 200 anos definha